

**WITTGENSTEIN E OS LABIRINTOS DA CONCEPÇÃO FIGURATIVA NO  
*TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS***

**WITTGENSTEIN AND THE LABORATORIES OF THE FIGURATIVE  
CONCEPTION IN *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS***

Ádamo Gabriel Lopes de Souza<sup>1\*</sup>

1. Mestrando em Educação na Universidade Federal do Acre (UFAC); Pós-graduado em Filosofia - Ontologia, Conhecimento e Linguagem na História da Filosofia pela Universidade Federal do Acre (UFAC); Graduado em Filosofia e História pela Universidade Federal do Acre (UFAC) - Rio Branco, Acre - Brasil.

\*Autor correspondente: e-mail: adamo.gabriells@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa no campo da Filosofia da Linguagem e tem por objeto a crítica apresentada pelo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) na sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus* a respeito das possibilidades de uma linguagem significativa. Nossa pesquisa teve como objetivo compreender a concepção de linguagem figurativa contida no *Tractatus Logico-Philosophicus* e as condições lógico-semânticas para uma proposição significativa. O procedimento metodológico consistiu em uma análise qualitativa e bibliográfica da obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. Em suma, ao analisar a linguagem no seu nível lógico-semântico mais profundo, Wittgenstein estabeleceu as condições lógicas subjacentes ao isomorfismo estrutural entre a figuração e o afigurado.

**Palavras-chave:** Filosofia; Linguagem; Teoria Figurativa.

**ABSTRACT**

The present article deals with a research in the field of Philosophy of Language and its object is the criticism presented by the Austrian Ludwig Wittgenstein (1889-1951) in his work *Tractatus Logico-Philosophicus* about the possibilities of meaningful language. Our research aimed to understand the conception of figurative language contained in the *Tractatus Logico-Philosophicus* and the logical-semantic conditions for a meaningful proposition. The methodological procedure consisted of a qualitative and bibliographical analysis of the work *Tractatus Logico-Philosophicus*. In sum, by analyzing language at its deepest logical-semantic level, Wittgenstein established the logical conditions that underlie the structural isomorphism between figuration and the afiguration.

**Keywords:** Philosophy; Language; Figurative Theory.

**1. INTRODUÇÃO**

Wittgenstein exerceu uma significativa influência na filosofia do século XX por ser um dos grandes expoentes da filosofia analítica ao lado de Frege, Moore e Russell. A história da filosofia ocidental seria muito injusta se não grafasse o nome de Wittgenstein como um dos principais expoentes da filosofia contemporânea, uma vez que, o seu pensamento foi crucial para a virada linguística analítica e a virada linguística pragmática. Estes dois movimentos filosóficos marcaram época na filosofia sendo, no que diz respeito ao modo de se fazer filosofia, grandes impulsionadores para as reflexões das gerações seguintes.

Todavia, a biografia de Wittgenstein “não se reduz a um jogo de quebra-cabeça”, como se fosse possível reconstruir o todo a partir de uma única peça determinada [1]. A fim de termos uma visão mais completa e consistente de Wittgenstein vamos destacar alguns aspectos mais

relevantes da vida deste autor, estes dados biográficos sem dúvida nos ajudarão a compreender quem foi este filósofo austríaco.

Ludwig Josef Johann Wittgenstein nasceu em Viena, no dia 26 de abril de 1889. Filho de Karl e Leopoldine Wittgenstein, Wittgenstein era o mais novo de oito irmãos e sua família era uma das mais ricas e influentes da época. Apesar de ter estudado na Realschule de Linz de 1903 a 1906, a formação de Wittgenstein foi amplamente marcada por uma rica e erudita educação porque cresceu cercado da companhia dos melhores professores, artistas e intelectuais que frequentavam sua casa, além da constante orientação de alguns preceptores. Possivelmente, a significativa influência da família no processo educativo levou o jovem Wittgenstein a acolher consideravelmente aos pedidos do pai em seguir nos estudos de engenharia.

Durante o período de sua adolescência, leu com muito entusiasmo obras de filósofos ligados à Filosofia da Ciência, como por exemplo, os Escritos Populares, de Ludwig Boltzmann, e, Os princípios da mecânica, de Heirinch Hertz. Segundo Margutti Pinto [2], nota-se que a “preferência por esses autores indica um interesse pela filosofia da ciência. Em vez dos estudos técnicos, o que mais parecia interessar Wittgenstein era a reflexão filosófica” (p. 42-43), apesar de somente anos posteriores, Wittgenstein mergulharia profundamente em questões intrinsecamente filosóficas.

Entretanto, após concluir o curso de engenharia entre os anos de 1906 a 1908, Wittgenstein segue para Manchester no intuito de aprofundar os seus estudos, razão que o levou a ficar na cidade até meados de 1911. Nesta ocasião Wittgenstein teve o primeiro contato com as obras de Russell, uma vez que, como aponta Margutti Pinto [2], “[...] desse momento, seu interesse crescente pela filosofia acabou por levá-lo a abandonar definitivamente a engenharia” (p. 43).

Posteriormente aos estudos com Russell em 1914, Wittgenstein retorna à Áustria, para receber uma herança financeira em decorrência da morte do pai em 1913, o inusitado é que Wittgenstein resolveu doar toda a herança para artistas.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, embora fosse dispensando do serviço militar, Wittgenstein decide se voluntariar para a grande Guerra. Tal atitude pode ser interpretada como uma busca desesperada de Wittgenstein, um tanto dramática e solitária, em encontrar algum sentido ou valor moral na vida. Wittgenstein sempre foi um sujeito perturbado existencialmente e seus conflitos internos acentuavam o seu desejo em solucionar questões existenciais próprias de sua época. A marca característica dessa sua tensão existencial era,

segundo Margutti Pinto [2], solucionar o “conflito entre os estudos lógicos que ele vinha desenvolvendo e a atitude ética que deveria tomar em sua vida” (p. 45).

Contudo, é nessas horas que percebemos o gênio manifesto de Wittgenstein porque inserido no terror do front de batalha ele escreveu seus famosos cadernos de notas. Acresce também, conforme evidencia Margutti Pinto [2] os poucos cadernos que sobraram, encontram-se algumas características, a saber, “[...] do lado direito, Wittgenstein redigiu em alemão corrente suas observações sobre a lógica. Do lado esquerdo, registrou em código suas preocupações éticas pessoais” (p.47).

Em seguida, tais escritos viriam a se tornar a sua mais célebre e enigmática obra, o *Tractatus Logico-Philosophicus* (1918). Tal obra mostra a força, a autenticidade e o mistério que cercavam o nosso pensador. Entre outras coisas, Wittgenstein articulou no *Tractatus* temas da filosofia da lógica, epistemologia, ontologia, filosofia da linguagem, ética e misticismo e o resultado, acreditava o filósofo, ter resolvido todos os problemas da filosofia.

No conjunto de aforismas do *Tractatus* que são destinados às reflexões sobre a linguagem, Wittgenstein tematiza sobre os limites da linguagem e, por consequência, sobre as condições lógico-semânticas para a linguagem expressar pensamentos. Ademais, encontramos no *Tractatus* [3] que “a filosofia não é uma teoria, mas uma atividade” (TLP. 4,112), ou seja, influenciado pelo movimento encabeçado por Frege, Moore e Russell, Wittgenstein defendeu que a única atividade autêntica do filósofo era o esclarecimento lógico da linguagem, caso o contrário, o filósofo se perderia em especulações que o levariam a pseudoproblemas filosóficos.

É importante destacar que para o Wittgenstein do *Tractatus*, a filosofia tradicional estava repleta de pseudoproblemas justamente porque os filósofos não conheciam o funcionamento lógico da linguagem. Do mesmo modo ao analisar as formas sentencias constitutivas da linguagem, Wittgenstein sentiu a necessidade de prescrever as condições lógico-semânticas para uma sentença significativa. Tal necessidade se fundamenta nas inúmeras diferenças e semelhanças linguísticas que, eventualmente, levavam os filósofos a problemas conceituais desnecessários.

Deste modo, atividade filosófica levou Wittgenstein [3] a reduzir todas as condições a aspectos logicamente representados e denominou a forma de representação de figuração “a figuração representa a situação no espaço lógico, a existência e inexistência de estado de coisas” (TLP. 2.12).

Neste sentido, o trabalho propõe uma análise, tendo por referência a única obra publicada em vida por Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, procurando compreender

os fundamentos lógico-semânticos da linguagem figurativa, evidenciando como a crítica que austríaco apresenta nas proposições lógicas, se relaciona com os fatos do mundo, na qual encontramos elementos da concepção figurativa da linguagem.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

O trabalho teve como metodologia uma abordagem qualitativa e de análise bibliográfica da obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, bem como pesquisas em artigos, obras e teses de comentadores que desenvolvem análises a respeito da concepção de linguagem figurativa de Wittgenstein.

Além disso, o interesse pela temática se originou no decurso acadêmico vivido na disciplina de Ontologia, Conhecimento e Linguagem na História da Filosofia Contemporânea, no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Filosofia da Universidade Federal do Acre. Acresce também que a aproximação transcorreu em consequência das leituras complementares realizadas na disciplina, em especial a análise da função da filosofia no contexto da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* e sua teoria da linguagem figurativa.

Por esse ângulo, preconizamos como problema central de estudo saber “quais as características que marcam os limites linguagem por meio de proposições dotadas de sentido e suas condições lógico-semânticas?”

Assim, a partir desse intento, formulamos questões que permitiram nortear as discussões do presente trabalho, como: Quais são as condições lógico-semânticas da linguagem figurativa no *Tractatus*? Quais são os três modelos de proposições contidas no *Tractatus*?

Neste sentido, buscamos no primeiro momento, apresentar as condições lógico-semânticas da linguagem figurativa, evidenciando como se configura a crítica da proposição como modelo do fato; no segundo momento, aduzimos os três modelos de proposições estabelecidas pela linguagem figurativa na *Tractatus*.

Dessa forma, apresentamos os resultados de como se caracteriza os limites da linguagem na sua relação com a concepção de linguagem figurativa contida no *Tractatus* e as condições lógico-semânticas para uma proposição significativa.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **3.1 A LINGUAGEM FIGURATIVA NO TRACTATUS LÓGICO PHILOSOPHICUS**

A princípio temos uma impressão que o *Tractatus Logico-Philosophicus (TLP)* trata-se de uma obra enigmática em volta de um grande labirinto, precisamente pela forma como foi concebido o seu gênero literário, considerando, sobretudo que “parte da dificuldade reside em que a intrincada construção do livro torna complexo encontrar claro ponto de acesso a ele” [4].

Desta forma, cabe destacar que o *Tractatus* se encontra organizado em aforismos, que embora pareçam um emaranhado de temas aleatórios, tais aforismos expressam o peso semântico de unidades linguísticas, ou seja, proposições, orientadas por numerações que transitam por números inteiros e decimais, como nos mostra Marques [1]:

De acordo com esse sistema de numeração, as proposições principais são aquelas marcadas com números inteiros (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7). Observações acerca dos pontos tratados nessas proposições principais recebem um número com uma única casa decimal (por exemplo, 1.1, 3.4, 5.6). Comentários subordinados aos tópicos tratados nessas últimas aparecem em proposições com números de duas casas decimais (como 1.12, 3.41, 5.63) e assim por diante. Dessa maneira, por exemplo, as proposições 3.1 e 3.2 devem ser vistas como observações acerca da proposição 3, enquanto a proposição 3.14 deve oferecer um comentário acerca da proposição 3.1 e a proposição 3.141 um acerca da proposição 3.14 (p. 12-13).

Pode-se observar que os temas refletidos nos aforismos gravitam acerca de uma *ontologia* (TLP. 1 a 2.063), ressaltando que ontologia em questão não é a mesma tratada pela filosofia escolástica: sobre entidades metafísicas, imbuída de essência ou substância, pelo contrário, ontologia vista como aquilo que existe no mundo através do fato, estado de coisas, e objetos.

Logo depois, temos o desenvolvimento da *teoria figurativa da linguagem* (TLP. 2.1 a 2.225), onde encontramos o desdobramento da teoria da figuração e a formulação de uma *teoria da proposição*. Por fim, encontramos a reflexão da *natureza das proposições lógicas e matemáticas*, assim como, daquilo que não pode ser dito por meio de proposições, mas apenas mostrado através das proposições que dizem algo.

Assim sendo, identificamos que a crítica da linguagem no *Tractatus* [3] circunscreve-se em uma análise crítica da proposição, posto que, “a maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem” (TLP. 4.003). Wittgenstein alimenta esse ponto de vista porque foi influenciado pessoalmente pelas reflexões que Moore e Russell desenvolveram na Inglaterra.

Em suma, no *Tractatus* encontramos concomitante o ponto de vista que corrobora com Arruda Júnior [5] na qual “a linguagem natural camufla a forma lógica real das proposições” (p. 19). É em torno desse pano de fundo filosófico que Wittgenstein desenvolve a sua filosofia,

ou seja, a crítica da proposição busca desvelar a real forma lógica das proposições em sua essência e natureza.

Ainda de acordo com Arruda Júnior [5], para o jovem Wittgenstein “tanto a linguagem quanto o mundo possuem uma estrutura, que estão numa estreita relação de natureza lógico-isomórfica” (p. 24). Por isso, o *Tractatus* [3] inicia apresentando os elementos constitutivos da estrutura do mundo, “o mundo é tudo que é o caso (TLP. 1). O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas (TLP. 1.1). [...] O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas (TLP. 2). O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas) (TLP. 2.01)”.

A disposição destes aforismos nos indica uma análise interna da realidade natural (mundo), que nos conduzem a inferir conforme Arley Moreno [6] “o mundo é determinado por fatos e não por objetos. Isso significa apenas que são estruturas complexas – os fatos – e não elementos simples – os objetos – que determinam o mundo” (p. 20). p. 169).

Nesse sentido, o mundo se configura como a totalidade dos fatos e não pela simples descrição dos objetos isoladamente. O objeto, por sua vez, se encontra logicamente articulado no interior do estado de coisas. Se o estado de coisas for existente, a proposição elementar que o descreve será verdadeira, caso a proposição descreva um estado de coisas não existente, a proposição será falsa. A partir dessa relação de correspondência isomórfica entre o fato do mundo e a proposição descritiva é que Wittgenstein identifica, na proposição complexa a existência de um fato, um fato linguístico. A esse respeito, Wittgenstein [3] afirma:

A realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não. Para isso, deve ser completamente descrita por ela. A proposição é a descrição de um estado de coisas. Como a descrição de um objeto o descreve pelas propriedades externas que ele possui, a proposição descreve a realidade pelas propriedades internas que esta possui (TLP. 4.023). Entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela for verdadeira (TLP. 4.024) (p. 169).

Por esse modo, entender uma proposição é conhecer como os elementos últimos desta proposição se articulam logicamente para espelharem, verdadeira ou falsamente, a correspondente articulação lógica que pode ser encontrada entre os objetos, os estados de coisas e os fatos. Desta forma, ao analisar o mundo e demarcar as condições de diferenças e semelhanças entre o “ponto de vista *ontológico*, daquilo que existe, e o ponto de vista *linguístico*, daquilo que pode ser dito” [6], estaremos traçando os “limites do que se deixa expressar por meio de proposições dotadas de sentido” [1].

Nessa perspectiva, interessa saber como a linguagem lógica funciona como o esqueleto lógico, como a estrutura interna da linguagem natural. Através das proposições descritivas

Wittgenstein fundamenta a possibilidade lógica da linguagem natural poder representar a estrutura do mundo. Assim, podemos refletir como se estrutura a linguagem, a partir dos seguintes aforismos de Wittgenstein [3]:

O pensamento é a proposição com sentido (TLP. 4). A totalidade das proposições é a linguagem (TLP. 4.001). [...] A proposição é uma figuração da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como pensamos que seja (TLP. 4.01). [...] À primeira vista, a proposição – como vem impressa no papel, por exemplo – não parece ser uma figuração da realidade que trata. Mas tampouco a escrita musical parece ser, à primeira vista, uma figuração da música; ou nossa escrita fonética (alfabética), uma figuração de nossa linguagem falada. E, no entanto, essas notações revelam-se figurações, no próprio sentido usual da palavra, do que representam (TLP. 4.011) (p. 165-167).

Por esse ângulo, observamos que a proposição é um modelo lógico da realidade, pela qual Wittgenstein chamou de “figuração”, este conceito é fundamental para a teoria figurativa da linguagem. Sendo assim, tendo claro como se estrutura a realidade, temos as condições de relação entre figuração e realidade, uma vez que, a “análise do mundo será correlativa à da linguagem” [6], porque ambas possuem o mesmo fundamento lógico-isomórfico.

Nesta perspectiva, podemos entender que a partir do *Tractatus* [3] que “a figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira” (TLP. 2.14) e “que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras” (TLP. 2.15). Tal qual Edgar Marques [1] também nos ajuda compreender mais a figuração:

Uma figuração consiste, assim, em uma ligação existente de elementos que projetam uma ligação de objetos que pode vir a ocorrer na realidade, isto é, uma figuração é um fato que projeta uma situação possível. [...] A ligação efetiva entre os objetos constitutivos da figuração projeta uma ligação possível entre os objetos que eles substituem na figuração. Essa ligação possível deve ter a mesma forma da ligação subsistente entre os elementos da figuração (p. 21).

Outro significativo elemento que atravessa a teoria figurativa da linguagem wittgensteiniana, diz respeito à concepção “afguradora”, como é abordado no *Tractatus* “a relação afguradora consiste nas coordenações dos elementos da figuração e das coisas” (TLP. 2.1514), seguindo, “essas coordenações são como que as antenas dos elementos da figuração, com as quais ela toca a realidade” (TLP. 2.1515) [3].

Em suma, compreendemos que Wittgenstein estrutura o seu pensamento no *Tractatus* através de uma análise lógico-semântica e estabelece a particular característica de algumas formas de proposições projetarem sobre a realidade uma relação de isomorfismo estrutural.

Nesta relação, onde uma proposição diz sobre um estado de coisas possível do mundo é que ocorre a relação entre figuração e afigurado.

Assim, “o que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurá-la à sua maneira – correta ou falsamente – é sua forma de figuração” (TLP. 2.17) [3]. A figuração e o afigurado são fatos e é nesse isomorfismo lógico entre estes dois fatos é que se localiza o sentido da proposição. A seguir, vamos apresentar qual é o único modelo de proposição que, para Wittgenstein, tem a característica de expressar sentido.

### 3.2 OS TRÊS MODELOS DE PROPOSIÇÕES DO TRACTATUS LÓGICO PHILOSOPHICUS

Uma vez que Wittgenstein busca estabelecer os limites do pensamento através da “delimitação do que pode ser dito por meio da linguagem” [1], ou seja, por meio de proposições, podemos observar onde incide a crítica tractariana, visto que “a linguagem é um traje que disfarça o pensamento”, logo, “é humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem” (TLP. 4.002) [3].

Nesse sentido, a crítica da linguagem desenvolvida no *Tractatus*, acaba por culminar em uma classificação em torno de três tipos possíveis de proposições, a saber: *proposições com sentido, proposições vazias de sentido e pseudo-proposições*.

De acordo com o *Tractatus* [3], as proposições dotadas de sentido, são aquelas em que “a figuração lógica dos fatos é o pensamento” (TLP. 3) ou seja, tais proposições expressam pensamentos, segundo a própria obra, “o pensamento é a proposição com sentido” (TLP. 4).

Dessa maneira, podemos inferir que as proposições dotadas de sentido, são aquelas que dizem ou descrevem um possível fato do mundo, com efeito, temos a constituição da proposição como um fato “a figuração é um fato” (TLP. 2.141). Além disso, as proposições com sentido são “uma figuração da realidade: pois sei qual é a situação por ela representada, se entendo a proposição” (TLP. 4.021), logo, “a proposição mostra seu sentido” (TLP. 4.022) [3]. Sendo assim, “a proposição constitui uma figuração porque é um fato (linguístico) utilizado para representar outro fato (do mundo)” [2].

A proposição com sentido é essencialmente bipolar, ou seja, ela não possui valor de verdade *a priori*, o seu valor de verdade dependerá da correspondência entre a figuração e o afigurado para se efetivar ou não. Assim, as proposições com sentido são as proposições das



ciências naturais porque somente essas dizem o mundo e estabelecem com esse uma relação de isomorfismo estrutural.

Por outro lado, as proposições vazias de sentido são as proposições da lógica, porque estas não são bipolares e não são modelos dos fatos do mundo, ou seja, não fazem nenhuma figuração da realidade. [1]

Apesar de não expressarem nada do mundo, tais proposições apenas nos indicam sua “armação”, por isso, segundo Kai Buchholz [7] “também não se poderia compará-las com a realidade para descobrir se seriam verdadeiras” (p. 32), em outras palavras, como destaca Wittgenstein [3]:

As proposições lógicas descrevem a armação do mundo, ou melhor, representam-na. Não “tratam” de nada. Pressupõem que nomes tenham significado e proposições elementares tenham sentido: e essa é sua ligação com o mundo. É claro que algo sobre o mundo deve ser denunciado por serem tautologias certas ligações de símbolos – que têm essencialmente um caráter determinado (TLP. 6.124) (p. 259).

Todas as proposições vazias de sentidos são tautologias ou contradições, por esse prisma, apenas mostram as estruturas do mundo, mas nada dizem. Como nos indica Wittgenstein [3], “tautologia e contradição não são figurações da realidade. Não representam nenhuma situação possível. Pois aquela admite toda situação possível, esta não admite nenhuma” (TLP. 4.462) (p. 199).

Nesta acepção, podemos inferir que as proposições vazias de sentido possibilitam mostrar as propriedades da lógica, entretanto, tanto as tautologias como as contradições podem ser reconhecidas independentes da realidade natural. Deste modo, segundo Arley Moreno [6], podemos exemplificar a tautologia por “Chove ou não chove” e a contradição como “Chove e não chove”, evidenciando que em ambas, não ocorre à contingência dos fatos naturais, isto é, nenhuma delas possui a característica lógico-semântica de descrição de algum estado de coisas possível da realidade, por isso, são vazias de sentido.

Por outro lado, há um terceiro grupo de proposições que Wittgenstein chamou de “pseudo-proposições”, ou seja, proposições que não dizem nada, pois, segundo Wittgenstein [3], “o que pode ser mostrado não pode ser dito” (TLP. 4.1212). Segundo David Pears [4], toda “doutrina do exibir é o ângulo semântico chamado ‘misticismo’ de Wittgenstein: há coisas que não podem ser ditas, mas apenas exibidas” (p. 89).

Nesse sentido, podemos inferir que as pseudo-proposições são aquelas que tentam dizer o que não pode ser dito, ou seja, são proposições que pretendem descrever inutilmente valores absolutos. Exemplos dessas pseudo-proposições são as da metafísica, religião, ética ou estética.

Como podemos ver, Wittgenstein entendia que algo de indizível era o objeto dessas expressões, quem as expressasse não alcançaria o mundo e, portanto, nada dizia.

Logo, essas expressões não descrevem nenhum estado de coisas, assim, “é por isso que tampouco pode haver proposições na ética. Proposições não podem exprimir nada de mais alto” (TLP. 6.42) [3]. Para Wittgenstein, constantemente as pessoas ultrapassam o limite acerca daquilo que pode ser dito pela lógica da linguagem, em particular, os filósofos quando comentem esse erro acabam criando pseudoproblemas que inundam a história da filosofia.

Por isso, o silêncio místico é a solução, pois segundo Wittgenstein [3], “o sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há nele nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor” (TLP. 6.41). Nesta perspectiva, a melhor forma de evitar os pseudo-problemas, consiste “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (TLP. 7).

#### 4. CONCLUSÕES

O objetivo do nosso trabalho foi compreender a concepção da linguagem figurativa contida no *Tractatus* e as condições lógico-semânticas para uma proposição significativa.

Para tanto, argumentamos que ao buscar traçar os limites do pensamento através da linguagem, Wittgenstein tentou desmascarar o “mau entendimento da lógica de nossa linguagem”, na medida em que compreendia que “o limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso” [3].

Indicamos ao longo da introdução um breve panorama da história de vida de Wittgenstein, ressaltando como algumas experiências e escolhas marcaram profundamente o seu fazer filosófico, ao passo que apresentamos também, como a crítica da linguagem era vista como a tarefa mais relevante para o filósofo austríaco.

Nesse sentido, mostramos como o pensamento do autor do *Tractatus* é dirigido a crítica da linguagem na medida em que procura delimitar a estrutura e os limites da linguagem significativa. Assim observamos que ao estabelecer os limites daquilo que pode ser dito com sentido, Wittgenstein considera que o trabalho do filósofo consistia necessariamente em compreender o funcionamento lógico da linguagem, principalmente a forma lógica da proposição.

Deste modo, vimos que ao determinar os limites daquilo que pode ser dito com sentido, Wittgenstein estabeleceu o limite do pensamento, uma vez que a proposição significativa possui

uma relação isomórfica com um possível estado de coisas do mundo. A proposição significativa como um modelo lógico da realidade é uma figuração da realidade.

Portanto, na perspectiva do *Tractatus*, concluímos que Wittgenstein, ao analisar a linguagem no seu nível lógico-semântico mais profundo estabelece as condições de diferença entre aquilo que representa e aquilo que é representado, bem como as semelhanças entre a figuração e o afigurado, uma vez que é nessa relação de projeção que se encontra o sentido da proposição.

Assim, ao subordinar a crítica da linguagem em uma crítica da proposição, encontramos a demarcação de possíveis formas de proposições, a saber, *proposições com sentido* (aquelas que podem ocorrer correspondência com o fato do mundo, sendo essencialmente bipolares), *proposições vazias de sentido* (tautologias e contradições, são as proposições da lógica que mostram as estruturas do mundo) e *pseudo-proposições* (aquelas que dizem algo que está além dos limites do mundo e cuja significação envolve valores absolutos são as proposições da ética, estética, metafísica, etc.).

Em suma, é através da concepção da linguagem figurativa desenvolvida no *Tractatus* que encontramos os limites da linguagem significativa. Portanto, é nesta demarcação que encontramos o verdadeiro método filosófico baseado na elucidação lógica dos pensamentos e, por consequência, na solução dos problemas da filosofia.

## 5. REFERÊNCIAS

- [1] MARQUES, Edgar da Rocha. **Wittgenstein e o Tractatus**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Filosofia Passo-a-Passo; v. 60).
- [2] PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação**. – Edições Loyola: São Paulo, 1998.
- [3] WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos. – 2ª edição revista ampliada. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- [4] PEARS, David. **As ideias de Wittgenstein**. Tradução: Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. – São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- [5] JÚNIOR, Gerson Francisco Arruda. **10 lições de Wittgenstein**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- [6] MORENO, Arley Ramos. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem – ensaio introdutório**. – São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 2000. (Coleção logos).
- [7] BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Tradução: Vilmar Schneider. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Série Compreender).